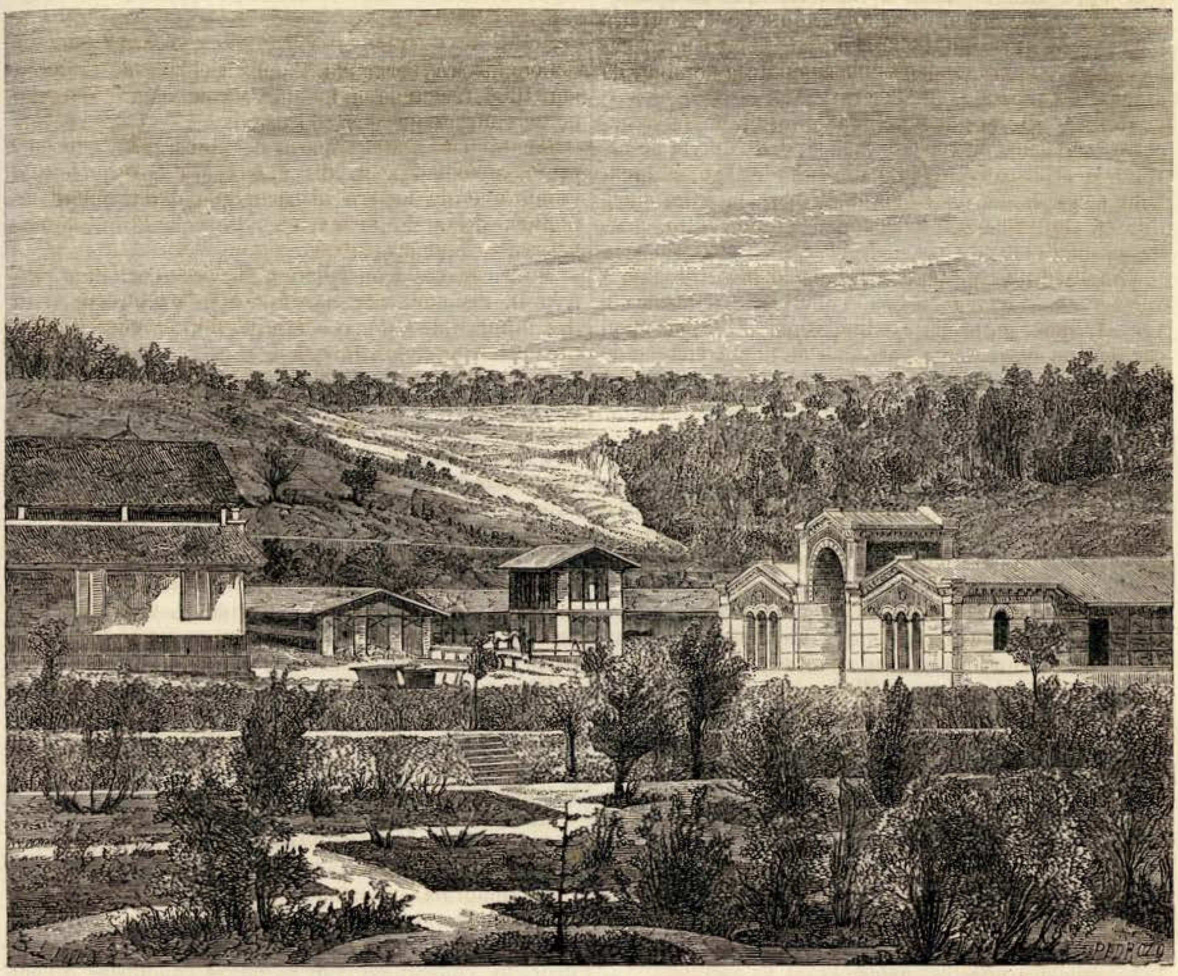


Estação principal ou do Juiz de Fóra

BRASIL

ESTRADA NORMAL DE PETROPOLIS AO JUIZ DE FÓRA

(Conclusão. Vid. pag. 97)

Passada a *ponte Americana*, ou de *Carlos Gomes*, sobre o Parahybuna, a distancia de poucos kilometros, avista-se a cidade do mesmo nome do rio. Logo adiante acha-se a *estação do Juiz de Fóra*, onde termina a estrada normal, depois de ter percorrido uns 144 kilometros desde a cidade de Petropolis, pondo em facil communicação a capital do imperio com o centro da rica provincia de Minas Geraes.

A cidade de Parahybuna, que fica visinha da estação do Juiz de Fóra, está agradavelmente situada nas margens d'aquelle rio, cercando-a por todos os lados fertilissimos campos e collinas sempre verdejantes. É uma cidade nascente, onde tem sido construidos modernamente varios edificios publicos, contando já alguns estabelecimentos importantes.

A estação do Juiz de Fóra é a principal de todas as que se encontram na magnifica estrada normal. Posto que esteja edificada em um valle, acha-se em altura de uns 750 metros acima da superficie do mar.

O edificio principal da estação é de architectura singela, mas elegante, como se vê na gravura que publicâmos, e que nos dispensa, certamente, de o descrevermos. Estendem-se junto d'elle, occupando bom espaço de terreno, as officinas da companhia, taes como serrarias, olarias, moinhos, armazens de materias primas, casas de administração e residencia de empregados, etc. Esta reunião de edificios, de construcção ligeira e graciosa, pela maior parte feitos de madeira e tijolo, e animados sempre pela actividade de uma numerosa colonia de operarios e empregados, apresenta o aspecto de uma linda povoação, sentada no meio da mais risonha paizagem, onde as vivas côres da casaria dão singular realce aos verdores que a cercam por todos os lados.

É uma bella perspectiva a das collinas que fazem cercadura ao valle, umas todas vestidas de basto arvoredo, outras simplesmente coroadas de bosques, mas todas tapetadas de verdura.

Porém, o que dá mais graça e belleza a este sitio é a bonita quinta do sr. Marianno Procopio Ferreira Lage, cujos jardins se estendem até ao pé dos edificios da estação. É uma propriedade magnifica, cujos accidentes do terreno foram aproveitados com muita arte e bom gosto para a fundação de uma quinta de regalo. Tem casas antigas e um palacio acastellado, de bella architectura, construido ha pouco tempo no alto de uma collina.

Foi n'esta quinta que se hospedaram suas magestades o imperador e a imperatriz do Brasil, com as duas princezas, suas augustas filhas, quando se celebrou a inauguração da estrada normal, abrindo-se ao transito publico em junho de 1861.

De uma noticia impressa da viagem d'aquelles soberanos e dos festejos que se fizeram em seu obsequio por occasião da referida solemnidade, e visita real á provincia de Minas Geraes, copiámos as seguintes linhas, que dizem respeito á quinta do sr. Ferreira Lage; pois que esta bella mansão, com o novo palacio acastellado que tão senhorilmente a domina, dá assumpto á nossa segunda gravura:

«No centro ha uma collina natural, de facil accesso, serpeada de ruas, gramada, [1] e coberta de arvores e arbustos. Defronte um grande lago, alimentado pelas aguas do ribeirão da cascata, com cinco ilhotas, cultivadas nas extremidades e no centro, communicando com um pesqueiro.

«Na base da collina, em frente do lago, desenvolve-se extensa cerca rustica, coberta de delicadas e variadissimas parasitas; e lindissima gruta, da qual cae a agua em cascata por cima de uma collecção de amostras de pedras de todas as qualidades que se encontram no desenvolvimento da estrada desde Petropolis.

«Á esquerda da collina, na vargem, acha-se a casa onde foram hospedadas suas magestades e altezas, com avenidas de palmeiras... A collina é coroada pelo castello do sr. commendador Ferreira Lage, ainda em obras internas, mas concluido quanto ao exterior.

«Esta construcção no estilo *renaissance* italiano, de gosto inteiramente novo entre nós, dá sobrenatural encanto á paizagem. O castello é de tijolos, que conservam a côr natural, apenas interrompida pelo cimento que as liga, e por fiadas mais avermelhadas em logares apropriados. Os portaes e cimalhas são de tijolo branco, similhando marmore.»

As nossas gravuras são cópias de duas das excellentes photographias do *album de vistas pittorescas da estrada normal de Petropolis ao Juiz de Fóra*, do qual já temos fallado, e d'onde tem sido copiadas as mais gravuras que tem acompanhado esta serie de artigos.

A construcção d'aquella estrada é na verdade uma obra grandiosa, e foi uma empreza ousadissima pelas difficuldades naturaes que teve de vencer, e pelos avultados capitaes que dispendeu.

Lucraram immenso com esta obra as duas provincias do Rio de Janeiro e Minas Geraes, que assim ficaram com facil transporte para os seus productos, o principal dos quaes é o café, que só de per si constitue um grande elemento da riqueza publica n'aquellas provincias, mas que antes da construcção da estrada era subcarregado com enormes despezas de conducção, por causa das distancias e pessimo estado dos caminhos.

A companhia União e Industria calculava, pela sua parte, ver compensados com bons lucros os grandes sacrificios pecuniarios por ella feitos. E bem fundados eram os seus calculos, tendo ella o privilegio exclusivo de estabelecer e conservar na mesma estrada as diligencias para conducção dos passageiros, e os carros para transporte dos generos e mercadorias.

Uma circunstancia accidental veiu, porém, priva-la d'esses lucros esperados, expondo-a a enormes prejuizos. Essa circunstancia foi a construcção do caminho de ferro de D. Pedro II, que, correndo por certos pontos proximo da estrada normal, vae forçosamente attrahir para si uma grande parte do movimento que animava aquella estrada.

A companhia solicitou, com vivas e repetidas instancias, providencias que a salvassem dos grandes prejuizos provenientes da concurrencia do dito caminho de ferro. Não sabemos se o governo já deferiu aos requerimentos da companhia. Parece-nos, porém, que tem bastante jus a obter alguma sorte de compensação.

I. DE VILHENA BARBOSA.

1 Coberta de grama, ou relva.

O CONDE D. SISNANDO

O SEU TUMULO

I

Conquistára Fernando Magno a cidade de Coimbra em 1064, segundo a melhor chronologia [1], ao cabo de seis mezes de apertado cêrco.

D'entre os capitães que o coadjuvaram n'esta empreza, escolheu a D. Sisnando para governador de Coimbra e de todo o districto que desaffrontára de moiros, deixando-lhe um exercito volante que protegesse as conquistas [2].

Muitas razões aconselharam el-rei de Castella a preferir D. Sisnando para tão importante emprego. Além das mostras de esforço e pratica militar que recentemente havia dado, tinha amplo conhecimento do territorio de Coimbra, porque, sendo filho de David, rico mosarabe da que hoje denominâmos provincia da Beira, senhor de Tentugal e de outras terras visinhas [3], não só por estes sitios passára os primeiros annos da vida, mas n'elles fizera depois várias entradas contra os christãos [4].

Na corte de Sevilha se introduziu D. Sisnando, no tempo de Ibn Abbad, e pelos seus talentos e importantes serviços feitos ao principe sarraceno, chegára a occupar o cargo de wasir no divan, isto é, de membro no supremo conselho do emir, que o distinguia particularmente entre os seus conselheiros [5].

Ignora-se o motivo porque resolveu abandonar o emir de Sevilha, para entrar no serviço de Fernando Magno [6]; mas o seu procedimento posterior persuade que a isso o impellíra alguma offensa recebida dos sarracenos [7].

Admittido na corte de Leão e Castella, alcançou brevemente convencer D. Fernando das vantagens que obteria invadindo o occidente da antiga Lusitania [8]. O resultado da invasão justificou as previsões de Sisnando, e o rei de Leão retribuiu o bom serviço que lhe fizera o mosarabe, dando-lhe o governo de um districto, constituido com as novas conquistas e com a terra portugalense ao sul do Douro, ao qual servia de limites, pelo oriente, a linha de Lamego, Viseu e Seia, e de fronteira, pelo sueste, o pendor septentrional da serra de Estrella [9].

Vinte e sete annos logrou D. Sisnando o senhorio de Coimbra e de toda a terra de Santa Maria [10], com o titulo de conde (que os reis successores de Pelayo davam a todos os governadores que punham nas cidades [11]), a qual não só defendeu com raro valor em todo o tempo de sua vida, mas ainda por morte deixou mais accrescentada e melhorada do que a havia recebido [12].

Além dos edificios que construiu em Coimbra, e que ainda ennobreciam a cidade no tempo do auctor da *Chorographia Portugueza* [13], povoou e restaurou muitas, outras levantou de novo e fortaleceu.

Entre as mais se nomeiam as villas de Cantanhede

1 Quem quizer estudar este ponto de chronologia, veja nas *Dissertações Chronologicas e Criticas* de João Pedro Ribeiro, a *Dissertação primeira sobre a epocha da conquista de Coimbra no reinado de D. Fernando I de Leão*, e a *Historia Chronologica e Critica da Real Abbadia de Alcobaça*, por fr. Fortunato de S. Boaventura, pag. 154 e seguintes; e os opusculos de dois academicos que posteriormente se publicaram sobre o assumpto.

2 *Corona Gothica, etc.*, parte II, pag. 46.

3 *Historia de Portugal*, por A. Herculano, tom. I, pag. 188.

4 *Historia General de España, etc.*, por el padre Mariana, liv. IX cap. II.

5 *Historia de Portugal*, por A. Herculano, liv. cit.

6 *Tales eran las costumbres de aquellos tiempos*, diz Mariana; porém este motivo não satisfaz.

7 *Historia de Portugal*, por A. Herculano, liv. cit.

8 Fr. Antonio Brandão, *Monarchia Lusitana*, liv. VIII, cap. IV.

9 *Monarchia Lusitana*, liv. cit. — *Historia de Portugal*, liv. cit.

10 Viterbo, *Elucidario*, no termo *Alvazil*.

11 Manuel Severim de Faria, *Noticias de Portugal*, tom. I, pag. 295.

12 *Monarchia Lusitana*, liv. cit.

13 Carvalho, *Chorographia Portugueza*, tom. II, pag. 6.

e Tentugal, os castellos de Foz de Arouce, e Penella, e a nobre villa de Monte Mór o Velho, a qual, em seu tempo, começou a levantar cabeça das ruinas e oppressões passadas [1].

Fundou e dotou muitas egrejas; edificou o mosteiro de S. Jorge [2], e ao da Vacariça deu o logar de Otta, e á sé de Coimbra muitas terras além do rio Mondego [3].

Outro monumento erigiu D. Sisnando, que tornou o seu nome caro aos homens de letras. Estabeleceu junto da sé cathedral de Coimbra um seminario para se doutrinarem os moços que se dedicassem ao estado ecclesiastico [4].

Já em era tão inquieta e arredada havia n'aquella cidade escholas de boas-letras, nas quaes se formava a mocidade portugueza; foram como as precursoras das que, em epocha mais proxima e tranquilla, engrandeceram a Athenas Lusitana [5].

É, pois, o conde D. Sisnando o primeiro senhor que se acha nas terras de Portugal com jurisdicção dilatada; e, posto que em alguns documentos confessa receber da mão del-rei D. Fernando de Leão o senhorio de Coimbra, e mais terras de sua comarca restituidas aos christãos desde Lamego até ao mar, correndo entre o Douro e o Minho, todavia a todas possuia com livre e independente soberania, podendo d'ellas dar e doar, como vimos, a seu beneplacito e arbitrio.

Falleceu em 25 de agosto do anno de 1091 [6].

II

Tratando do logar em que repoisam as cinzas do conde D. Sisnando, diz fr. Antonio Brandão:

«Dizem que está sepultado no adro da sé de Coimbra, em um dos arcos da parede: o que devia ser, porque n'aquelle tempo se não sepultavam dentro das egrejas, nem ainda os mesmos principes [7].»

Pedro Alvares Nogueira, no catalogo manuscripto dos bispos de Coimbra, diz primeiramente que o conde Sisnando estava sepultado em um moimento que tinha um arco, cujo logar já se ignorava; e em outra parte diz haver memoria de que a sepultura era no adro [8].

O que é incontestavel, presentemente, é que em Coimbra, encostado ao lado exterior da parede da sé Velha, junto á quina occidental, em altura de sete palmos, está um tumulo de pedra calcarea, oblongo, abaúlado, de cincoenta e cinco pollegadas de comprido, trinta e seis de alto, e vinte e tres de largo.

Na face externa lê-se em caracteres allemães minusculos a seguinte inscripção:

Aqui jaz hum que em outro tempo foy grande varom
Sabedor e muito eloquente avondado e rico e agora
He pequena cinza ançarada em este moimento
E com el jaz hum seu sobrinho dos quaes hum
Era já velho e o outro mancebo e o nome do Tio
Sisnando e Pedro avia nome o sobrinho.

Diz João Pedro Ribeiro, que, por ser em portuguez esta inscripção, não póde datar acima do reinado de D. Affonso III.

Com effeito, n'esse tempo é que se reformou a sé, e talvez depois se traduziu em vulgar alguma inscripção latina que d'antes estava no tumulo, que este actual substituiu; o que parece mostrar a syntaxe, que indica mais versão do latim que obra original [1]. Por baixo do tumulo está o logar de uma lapide, embebida na parede, que já falta; seria talvez a inscripção original.

D'este monumento sepulchral faz menção o sr. conde A. Raczynski na sua obra *Les Arts en Portugal*, transcrevendo, em francez, a inscripção, e tocando alguns dos principaes factos da vida da celebre personagem, a que respeita [2].

D'este monumento sepulchral nos diz tambem o visconde de Almeida Garrett, que *em Inglaterra, ou n'outro paiz christão, seria conservado com respeito e veneração de reliquias.* E invectiva, indignado, o desprezo em que é tido [3].

Dezeseis annos antes que o grande poeta soltasse estas vozes patrioticas, haviamos erguido a nossa, posto que humilde, pedindo remedio a tamanho escandalo:

«As venerandas cinzas de tão egregio varão, a quem Coimbra, sua patria, e as mais povoações visinhas devem grandes beneficios, quizeramos se pozessem a melhor recado, mudando o tumulo para logar mais recente, abrigando-o da inclemencia das estações, a que está exposto [4].»

O mesmo desejo annunciâmos ainda hoje. Pedimos a quem corre a obrigação de conservar estes preciosos restos de tão famoso monumento: — *Livre da intemperie das estações o tumulo do conde D. Sisnando.*

R. de Gusmão.

A LITTERATURA NA AMERICA HESPANHOLA [5]

I

Ninguem ha que tendo lançado a vista para o mappa geographico da America, e vendo o immenso continente lançado aos pés do monarcha das Hespanhas por Christovão Colombo e pelos seus successores, retalhado n'uma chusma de republicas, immensas pela extensão, pequenissimas pela importancia, que se dilaceram em crua e constante guerra civil, não sinta uma certa dor ao pensar que esse territorio, opulentado por Deus com todos os dons magnificos por que anhela a cubiça humana, está sendo apenas aproveitado para theatro de dramas sanguinolentos, de ambições mesquinhas, de encarniçados prelios. Logo desvia os olhos com tristeza, e não mais pensa n'esses miseros povos, que, depois de se terem inscripto com prodigios de heroismo na lista das nações independentes, se estão apagando voluntariamente da carta politica, onde podiam e deviam representar um brilhante papel.

Para quem os contempla superficialmente, parece que os hispano-americanos estão dando ao mundo o triste espectaculo de uma raça decrepita, que se extingue no tumulo esplendido, fadado para ser o berço florido e pomposo de uma nova civilisação. Nada mais repugnante n'esse caso, do que essa lucta de morcegos aos clarões radiantes da aurora; nada mais desanimador do que essa juventude viciada pelas enfermidades da velhice; esses povos sem primavera no meio de uma natureza sem inverno; esse referver de um liquido peçonhento na taça de oiro que a mão da Providencia collocou á beira do Pacifico. Primeiro fitou a Europa com attenção os olhos n'esses povos que enrergiam das trevas á luz radiante do seculo XIX; o velho continente, fatigado pela immensa lucta de vinte e cinco

[1] *Monarchia Lusitana*, liv. cit.

[2] D. Nicolau de Santa Maria, *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes*, etc., tom. II. liv. VIII, cap. XIV, pag. 154.

[3] *Monarchia Lusitana*, liv. cit.

[4] João Pedro Ribeiro, *Dissertacoes Chronologicas e Criticas*, etc., tom. I, pag. 24. — Fr. Antonio Brandão, *Monarchia Lusitana*, liv. VIII, cap. V.

[5] F. Freire de Carvalho, *Primeiro Ensaio sobre a Historia Litteraria de Portugal*, pag. 37.

[6] D. Nicolau de Santa Maria, *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes*, etc., tom. II, pag. 152.

[7] *Monarchia Lusitana*, liv. VIII, cap. IV.

[8] *Dissertaçoes Chronologicas e Criticas*, tom. I, pag. 199.

[1] *Dissertaçoes Chronologicas e Criticas*, liv. cit.

[2] *Les Arts en Portugal*, pag. 467.

[3] *Obras do Visconde de Almeida Garrett*, tom. XVI, *Lyrica*, pag. 22.

[4] *Revista Universal Lisbonense*, tom. I pag. 543.

[5] Os dados para este estudo foram colhidos nos *Ensayos biographicos e de critica litteraria sobre los principales poetas y litteratos latino-americanos* de Torres Caicedo, no *Ensayo sobre las revoluciones politicas y la condicion social de las republicas columbianas*, de Samper, e n'um artigo de mr. Elisée Reclus na *Revista dos Dois Mundos.*

annos, em que empenhára todas as suas forças, bateu as palmas com jubilo e enthusiasmo ao ver surgir do outro lado do Atlantico esse enxame de operarios do futuro, juvenis, ardentes, heroicos; e o Atlas europeu, vergando ao peso do mundo das idéas, julgou que o viriam render as espadoas robustas do gladiador dos Andes. Com valor despedaçára elle as rijas portas de ferro que o encerravam; e o carcere, transformado em sanctuario, respondia á luz que o inundava com os aromas que rescendiam do solo virginal. O estandarte que outr'ora Lafayette trouxera do territorio da America do Norte para o collocar nas mãos senis da Europa, que rejuvenescêra ao contacto santo, devolvia-o o antigo continente prostrado aos pés do despotismo, ás mãos generosas de Bolivar. O grito de liberdade que a America enviára á Europa, reenviava-o a Europa á America; a bandeira rota pelas garras das aguias de Bonaparte voltava a tremular ás brisas que primeiro a haviam enfunado, e esperava-se que os americanos do sul a hasteariam com a firmeza que lhes haviam ensinado os seus irmãos do norte.

Infelizmente, não succedeu assim. Pugnas miseraveis, torpes rivalidades, vieram ensanguentar primeiro, depois rojar pelos tremedaes das dictaduras o sagrado pendão que fôra confiado ao povo juvenil. A Europa desviou os olhos com tedio; os reis applaudiram a experiencia, e disseram: «Vêde o que produzem as vossas theorias». A liberdade chorosa refugiu da terra que com tantas esperanças procurára, e as republicas americanas, cegas de todo, menosprezando a missão sublime que deviam cumprir, passavam com um phrenesi deploravel dos braços da anarchia aos braços do despotismo. O Mexico devaneava a resurreição do imperio dos Aztecas, e punha no throno de Montezuma essa parodia de imperador que se chamou Iturbide; depois derrubou o idolo que fabricára, e, derramando sempre torrentes de sangue, abriu o seio a todas as ambições que se gladiavam e o golpeavam. A America Central, destinada a tão brilhante futuro pela posse do isthmo de Panamá, desviava os olhos dos seus verdadeiros interesses, e consumia em pugnas internas os seus immensos recursos. As tres republicas confederadas, Venezuela, Nova Granada e o Equador, onde vivêra Bolivar, o heroe da independencia americana, davam a todas as republicas, filhas de sua iniciativa, o fatal exemplo da anarchia. A Bolivia, que prestava homenagem, com esse nome que adoptára, a Bolivar, generoso fundador da sua liberdade, desmentia esse preito fazendo um pessimo uso d'essa liberdade que lhe devia. O Perú, agitado sempre por convulsões revolucionarias, desviava os olhos envergonhado do esplendor que projectára na sua historia a civilisação dos Incas. No Chili, onde pelo menos se prestava attenção mais séria ao desenvolvimento material, nem por isso deixava de reinar a anarchia, e sanguinolentas proscripções maculavam o nome ridente da sua capital—Valparaiso. A Confederação Argentina gemia aos pés d'esse vulto medonho e brutal do dictador Rosas. No Paraguay, o doutor Francia misturava com a politica estioladora dos jesuitas, antigos dominadores do paiz, os desapiedados rigores que opprimiam o Rio da Prata. O Uruguay, estado pequenino, ora opprimido por tyrannetes internos, ora victima das prepotencias dos seus visinhos, arrastava uma existencia dolorosa, entalado entre o colosso brasileiro e o temivel Buenos-Ayres. Tal era, e tal é ainda hoje, com pouca differença, a situação miseranda da America Hespanhola.

II

Foi então que a Europa, deixando as republicas americanas debaterem-se nas suas estereis agitações, desviou d'ellas a vista com justificada repugnancia. O verbo do futuro, que devia resoar nas immensas planicies d'esse continente immaculado, feneceu sem despertar um só dos innumeros echos das suas florestas.

Suppoz-se que essa raça degenerada era incapaz de grandes commettimentos, e esperou-se em silencio que alguma ambição estrangeira lançasse mão d'esses territorios incultos, d'essas selvas infructiferamente desbastadas, e aproveitasse essas riquezas que os seus legitimos proprietarios não sabiam usufruir.

Quem fallasse á Europa na litteratura da America Hespanhola arriscava-se a provocar sonoras gargalhadas. Que poetas e que poesia se poderiam acclimar n'essas regiões volcanicas, sempre ameaçadoras, sempre com as fauces abertas para tragarem os seus filhos? Acaso o colibri entôa as suas enamoradas canções á beira do Chimborazo? Canta porventura o rouxinol as suas melancolicas endexas debruçado sobre a cratéra do Vesuvio?

Relanceavam-se os olhos para os dois paizes então pacificos das duas Americas, o Brasil e os Estados Unidos, e via-se completa ausencia de uma litteratura original. Na America do Norte, Cooper abria e encerrava ao mesmo tempo os fastos litterarios marcados com o sêllo patrio; os outros, á testa dos quaes figurava o espirito gracioso de Washington Irving, filiavam-se na litteratura européa, e desviavam os olhos dos quadros gigantes da sua terra natal, para se embevecerem nas maravilhas tradicionaes do velho mundo. Na America do Sul, os dois grandes poetas do Brasil, Gonçalves Dias e Magalhães, afinavam os seus cantos pelos da lyra da Europa, e quando tentavam, como que para descargo de consciencia, modular hymnos que os echos da sua patria repetissem com ufania, a musa embrandecia o vôo, afrouxava a inspiração, fugia-lhes o ridente colorido, e o pincel, que tão férvidos quadros traçára, não encontrava senão frias côres para espalhar na téla, quando se tratava de reproduzir as paizagens no meio das quaes haviam nascido.

Se isto succedia nos dois paizes que a Providencia preservára dos desastres que haviam murchado em flor a prosperidade da America Hespanhola, o que não succederia n'essas pobres republicas, onde os animos exaltados não tinham tempo de se entregarem ás amenas diversões da litteratura, onde o rubido facho da guerra civil, purpureando o ceo com o reflexo das suas labaredas, offuscava o brilho das estrellas da poesia, que só refulgem no azul sereno e limpido de um ceo destoldado?

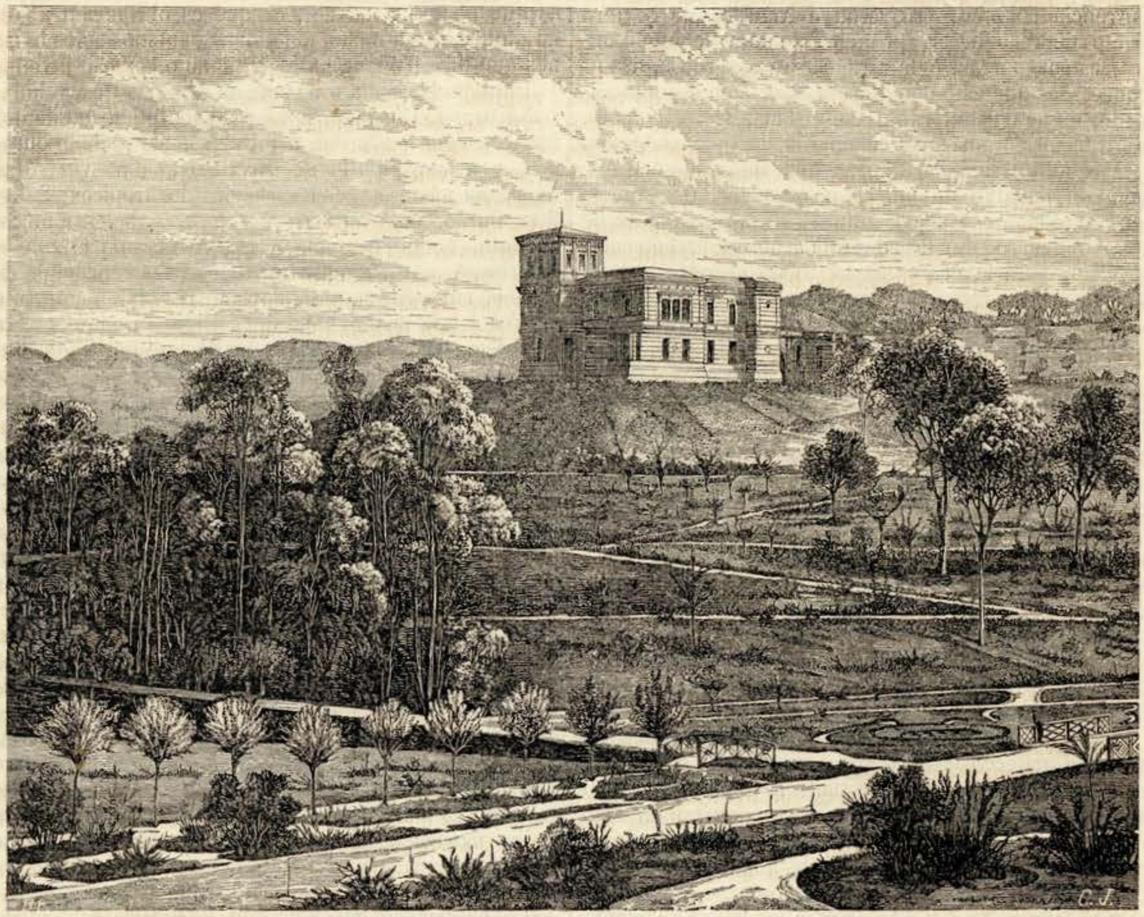
Pois enganava-se e engana-se a Europa. Os fastos litterarios d'esses paizes encerram maravilhas ignotas; ha thesoiros escondidos nas minas inexploradas d'essa litteratura; e a inspiração verdadeiramente americana, a poesia original, caracteristica, esplendida, do Novo Mundo, fulgura entre o crebro fusilar dos raios da discordia; e um lyrismo selvatico e brilhante resôa entre os gritos de guerra d'essas hordas que se apunhalam, se derribam, se atropellam sobre o solo ensanguentado da America do Sul, no meio dos incendios das cidades, do lucto das proscripções, do tinir das armas; e como, nas antigas apotheoses, d'entre as labaredas da pyra fugia para os ceos, soltando um grito sublime, a aguia cesarea, assim d'entre as chammas incendiadas por essa guerra fratricida foge, com as azas doiradas por tão lugubre esplendor, soltando a voz sonora, a aguia sublime da poesia americana.

III

A America Hespanhola, da mesma fórma que a America Ingleza e que a America Portugueza, soffreu as pessimas consequencias do systema colonial, adoptado pelas tres nações que entre si dividiram o mundo mysterioso que por tanto tempo se escondêra aos olhos ávidos dos europeus, que sorrira de certo da louca presumpção dos romanos, que haviam julgado conquistar o mundo quando as legiões de Cesar poisavam as

aguias triumphantes na extremidade da Gran-Bretanha; quando as de Mario percorriam vencedoras a Numidia e só paravam na orla do deserto; quando as de Pompeo tremulavam os pendões do povo soberano na extrema fronteira do imperio de Mithridates; quando as de Germanico, em fim, faziam refugir para as selvas intrincadas da Allemanha as hordas selvagens, que depois haviam de desabar em torrente impetuosa e alastrar o territorio immenso do mundo romano.

Quando o divino imperador, do alto do monte Palatino, relanceasse as vistas para os quatro pontos cardeaes do horisonte, e visse com os olhos da imaginação as vedetas das suas cohortes mudas e immoveis nos quatro extremos da terra, havia de sentir encrespar-lhe os labios um sorriso de orgulho, e havia de proferir com um grito de vaidade: «É meu o mundo inteiro.» Ah! mas como esse sorriso se lhe gelaria nos labios, como o grito de vaidade se transformaria n'um grito de espanto, quando alguem, rasgando os véos do futuro, lhe dissesse: «Para além das legiões da Germania, da Numidia, da Cilicia, estendem-se ainda immensas regiões, mas principalmente detraz d'esse vasto Oceano que os teus soldados contemplam com vago terror, que as tuas triremes não ousam sulcar, existe um mundo ignoto, immenso, maravilhoso; não a ilha Atlantida, que os teus sabios devaneiam, que por essa dar-te-ha mil o Atlantico se lhe devassares os mysterios; mas um mundo inteiro, onde o ceo accumulou todos os thesoiros, onde a natureza se espraiou em dadivas munificentes; um mundo em cujo seio se escondem minas de oiro, junto das quaes são as da Iberia um atomo imperceptivel; cujo solo é coberto de bosques tão densos, que as florestas sagradas da Armorica não são junto d'ellas mais do que simples mattas de recreio; um mundo cortado de rios tão enormes que sorveriam n'um trago o Rheno, o Tejo e o Danubio. Esse mundo, divino imperador, não o abrangem os teus braços colossaes, e as tuas legiões não poderão nunca macular aquelle solo impolluto.»



Palacio e quinta do sr. Ferreira Lage

Mais felizes do que os romanos, conseguiram os hespanhoes, os portuguezes e os inglezes dividir entre si esse territorio gigante. Coube ao leão de Castella o quinhão leonino, mas as quinas portuguezas tremularam tambem n'um espaço immenso, e o leopardo britannico cingiu com as garras uma formidavel extensão de terreno.

Loucos de alegria por terem conseguido possuir tamanhas riquezas, tremendo de terem que as disputar ás outras nações da Europa, se estas podessem pôr o pé no solo prodigioso, os tres governos, senhores d'aquelle harem de formosas odaliscas, zelosos como sultões musulmanos, fecharam e calafetaram todas as portas para que só elles tivessem entrada n'esse sanctuario de opulencia.

Foi essa a origem e o intuito do systema colonial, systema improficuo para as metropoles e prejudicialissimo para as colonias, systema barbaro e iniquo de quem prefere conservar inuteis os seu thesoiros a consentir que haja outros que os aproveitem.

À medida que foram crescendo em importancia e população as provincias americanas, foram augmentando os zêlos, os cuidados e as precauções das mães-patrias. Ao receio da concurrencia européa juntou-se o medo de que essas filhas, ou antes enteadas, conhecendo a sua força, reclamassem com as armas na mão o reconhecimento da sua maioridade. Incriveis vexações opprimiram então esses povos, que tinham a desgraça de habitarem n'um paraiso. Haviam posto

obstaculos á livre expansão do commercio, pozeram-n'os tambem á livre expansão das intelligencias. Os tres governos tomaram medidas qual a mais odiosa, mas, para sermos justos, devemos dizer que a todos se avantajou a Hespanha.

Circumstancias peculiares tornavam mais pesado o jugo metropolitano ás colonias portuguezas e hespanholas do que ás inglezas. Todas se viam obrigadas a commerciarem directamente com a metropole; esta impunha ou os seus proprios productos, ou transmittia os dos paizes estrangeiros, impondo a sua intervenção. Esse jugo intoleravel para as colonias de paizes tão atrazados na civilisação material como os dois reinos da peninsula iberica, era menos oneroso para as colonias inglezas, porque a Inglaterra já estava sendo uma das primeiras nações industriaes do globo. Por isso, e porque a Inglaterra não temia a concurrencia colonial, prosperou a America do Norte a ponto de reconhecer, primeiro do que nenhuma outra, as suas forças, e de arrancar ao governo inglez as concessões que este não quizera fazer com espontaneidade, e que d'esta fórma, conquistadas violentamente, se transformaram na proclamação da independencia.

Mas a America Portugueza e a Hespanhola é que gemiam debaixo de um jugo oppressor. O commercio, a industria e a agricultura soffriam vexações de todo o genero. No Brasil praticavam-se prepotencias incriveis para favorecer d'esse modo absurdo a debil industria e a preguiçosa agriculttura de Portugal. Não se consentia cultura egual á que havia no reino, por mais que a favorecessem as condições do solo. Impedia-se a exploração das salinas da ilha de Santa Catharina, a fim de que não fossem prejudicadas as salinas do reino. Arrancava-se uma porção de cafezaes para que não diminuisse o preço do café. Esta absurda economia politica, posta em prática por um despotismo inepto, irritava os animos e impedia o desenvolvimento do paiz.

Na America Hespanhola ainda se requintavam essas vexações. Além de praticar o mesmo que praticava o governo de Portugal, o hespanhol escravisára o commercio de toda a America a quatro companhias; a uma pertencia o commercio do Rio da Prata, a outra o do Peru, a outra o do Mexico e da America Central, a outra, finalmente, o da Columbia.

Todas estas oppressões, actuando sobre o desenvolvimento material, reflectiam, como é facil de suppor, no desenvolvimento intellectual. Isso mesmo desejavam os governos metropolitanos, e contribuiam directamente para as conservarem n'esse estado. O governo portuguez prohibia a fundação de imprensas, privava de escholas superiores a sua colonia, e, obrigando a mocidade estudiosa brasileira a vir beber nas aguas do Mondego a sciencia que cubiçava, arrancava por essa fórma á patria essa pleiade generosa, capaz de illustrar o seu paiz, e de exercer sobre os seus compatriotas uma influencia que a timida metropole julgava prejudicial.

D'esses moços brasileiros que vinham estudar á Europa, uma grande parte ficava em Portugal, attrahida pelo auspicioso futuro a que só em Portugal lhes era dado attingir, e poucos tinham a resignação sufficiente para irem esconder os seus talentos e o seu saber n'algum canto obscuro de uma provincia americana.

Se não iam espontaneamente, facil é de suppor que não os mandava o governo desempenharem cargos officiaes. De fórma que, por um contraste notavel, em quanto muitos brasileiros illustres occupavam em Portugal postos importantissimos, como Alexandre de Gusmão, secretario particular de D. João V, eram todos portuguezes os poucos homens distinctos que figuravam na administração da terra de Santa Cruz.

Ainda n'este ponto do systema nos acompanhava o governo hespanhol.

Como se deve imaginar, era este o principal obstaculo que se oppunha á creação de uma litteratura original. Os poetas brasileiros, transportados para Portugal em annos verdes, quando ainda lhes germinava occulta no peito a semente da poesia, aqui vi- çavam e cresciam cultivados segundo as regras da jardinagem lusitana. Se alguns voltavam para a sua patria, as memorias que se lhes atropellavam na mente, as recordações que por diante dos olhos com azas brancas lhes voejavam, as brisas que lhes deseriam as cordas frementes da lyra, eram as memorias, as recordações, as brisas de Portugal, porque, se o Brasil era a infancia, Portugal era a juventude; se o Brasil era o berço do homem, era Portugal o berço do coração; se no Brasil abriam os olhos á luz da vida, abriam em Portugal os olhos á luz do saber; e as impressões que n'esta segunda patria haviam sentido eram as que n'elles actuavam, as que os obrigavam a soltarem a voz, e a modular hymnos pautados pelos hymnos que lhes haviam enthusiasmado o coração juvenil.

Tambem succedia o mesmo na America Hespanhola.

No Brasil, Gonzaga, apesar do seu mimoso talento, não consegue eximir-se á influencia da eschola européa, e a sua *Marilia de Dirceu* nem uma vez só se impregna nas ardentes fragrancias dos tropicos; Santa Rita Durão, cujas descripções tem verdadeiro merecimento, e que de mais a mais trata um assumpto americano, entra n'elle com todos os preconceitos da eschola européa, começando logo por dar á singela e poetica lenda do *Caramurú* a fórma pausada e severa do poema epico. No *Uruguay*, de José Basilio da Gama, sente-se a mesma tendencia, e, admirando a belleza de muitos versos, não podêmos deixar de nos espantar da ausencia completa de ingenuidade nativa, de côr local, em fim, como actualmente se diz. As paizagens tanto podem ser do Brasil como da Arcadia; mudem-se as bananeiras em loireiros, está completa a metamorphose. Os heroes fallam como fallaria Enéas ou Heitor. Egual defeito encontraremos na *Araucania* de Ercilla, com a differença que este ultimo é conquistador hespanhol que atravessa a America, resguardando no peito as memorias da sua terra, em quanto dos outros deviamos esperar que o amor da patria lhes prestasse inspiração mais robusta, se nos não lembrassemos das influencias que mencionámos, e que por força haviam de produzir este resultado.

Na America Hespanhola veremos cair em egual erro o maior poeta dos tempos coloniaes, fr. Manuel de Navarrete. As suas poesias, cheias de força e de belleza lyrica, não saem, comtudo, d'aquellas banalidades que o seculo passado considerava como alta poesia.

Os poetas brasileiros, para sairem da sua obscuridade, precisavam vir ao reino, abdicar, para assim dizermos, a sua nacionalidade colonial, e confundir-se com a turba multa de escriptores que estavam encerrados nas gaiolas arcadicas, e onde o poeta ultramarino conquistava um logar mais ou menos elevado, conforme o merecimento que mostrava em alinhar os versos de um soneto ou as estrophes de um dithyrambo.

Assim succedia aos poetas hespano-americanos. Madrid era o seu Capitolio unico, e foi curvando-se a essa exigencia que o poeta Alarcon pôde conseguir um grande renome de poeta dramatico.

Como podiam, com estes elementos, lançar-se as bases de uma litteratura original? Era impossivel. Se na Europa as letras se iam definhando com o regimen despotico a que estavam condemnadas, o que não succederia na America com esse augmento de peias e de embaraços?

E ainda nós não fallámos na Inquisição, que, severa no Brasil, era implacavel nos dominios da Hespanha. O tribunal do Santo Officio, não contente de perseguir as pessoas, nem os livros poupava, e auxiliado pelos bispos e pelos governadores, queimou as obras

de muitos poetas, cujos versos haviam incorrido por algum peccadito nas iras temiveis ou da auctoridade secular ou da auctoridade ecclesiastica, poetas que hoje não conhecemos, graças ao infatigavel zêlo dos sustentaculos do throno e do altar.

Entre esses livros queimados em auto de fé figuravam as satyras de Simão Ayanque, livro de que hoje apenas existe um ou outro rarissimo exemplar escapo á fogueira inquisitoral.

Citando singelamente este facto, permittam-me que pergunte aos leitores se estes sacerdotes de Christo eram discipulos de Jesus ou do califa Omar.

Nem de um, nem de outro. Christo escorraçal-os-hia do templo; o proprio califa Omar, o bruto incendiario da bibliotheca de Alexandria, se envergonharia de ter similhantes imitadores.

(Continua) M. PINHEIRO CHAGAS.

A MADRASTA

(CONTO POPULAR)

(Conclusão. Vid. pag. 325)

VII

«Quando entraram na praça de Valmaseda, disse Isabel a suas irmãs:

—«Se não podêmos obedecer inteiramente á nossa madrasta, obedeçamos-lhe em alguma coisa, vendendo as peras por egual preço, e para estarmos sempre de accordo, não estejamos muito afastadas.

«As meninas sentaram-se, com effeito, com a mercadoria na frente, a pequena distancia uma de outra, encostadas á parede da egreja de S. Severino, depois de deliberarem ácerca do preço pelo qual deviam vender as peras.

«Passado pouco tempo, chegou um individuo e perguntou a Isabel:

—«Ó menina, quantas peras dá por dez réis?

—«Sete.

—«Dê-me, pois, sete vezes sete.

«Isabel deu-lhe quarenta e nove peras, e recebeu sete moedas de dez réis.

—«Não me compra nenhumas, senhor? — perguntou Theresa ao individuo que se fornecêra do cesto de sua irmã.

—«Quantas dá?

—«A mesma conta... sete por dez réis.

—«Dê-me quatro vezes sete, visto que tenho de fazer despeza em todos os logares.

«Theresa deu ao freguez vinte e oito peras, e recebeu quarenta réis.

—«Agora devia comprar-me as peras que tenho aqui, disse Mariquinhas ao mesmo comprador. Leve-me tambem dez réis de peras, porque eu não sou menos que essas.

—«Tem razão, que a mais nova das tres não ha de ser a mais desgraçada. Quantas dá?

—«Tambem sete.

—«Pois deite aqui sete.

Mariquinhas lançou no lenço as setas peras ajustadas, e embolsou dez réis.

«As meninas, assim que ficaram sós, pozeram-se a ajustar as contas, e resultou que Isabel tinha uma pera e setenta réis; Theresa, duas peras e quarenta réis; e Mariquinhas, tres peras e dez réis.

«O negocio complicava-se cada vez mais, e a madrasta applicaria irremediavelmente o castigo.

«Decorreu uma hora e outra, e as peras restantes não se vendiam, pois quantos se aproximavam e viam tão mesquinho sortimento, seguiam o caminho sem se demorarem, posto só restasse no mercado fruta para um remedio.

—«Que será de nós! — exclamavam as meninas com os olhos arrasados em lagrimas, quando de repente se ouve o rataplam dos tambores e o povo corre para a porta de Mena.

«Officiaes e soldados dispersaram-se pelo mercado, comprando quanto fruta encontraram, que era na verdade muito pouca.

«As filhas de Martinho esconderam as peras restantes, e quando a tropa estava já cançada de procurar fruta sem encontrar nada, tornaram a descobril-as.

«Innumeros soldados se precipitaram de bolsa na mão para as comprar.

—«Por que preço vendem essas peras, ó meninas?

—«Trinta réis cada uma.

—«Isso é roubar!

—«Não as comprem... Não podêmos vendêl-as por menos, responderam as meninas.

«E vendo os soldados que os que vinham depois estavam resolvidos a comprar as restantes peras por qualquer preço, se elles não as comprassem, apressaram-se em dar: a Isabel, trinta réis por uma pera; a Theresa, sessenta réis por duas; e a Mariquinhas, noventa réis por tres.

«As meninas, tendo os cestos vasios, tornaram a ajustar as contas, e viram com admiração e alegria que possuia cada uma cem réis. A conta que não soubera ajustar o sr. João Ajusta Contas, estava por fim certa.

«Perdêra a madrasta mais esta occasião de castigar injustamente as desventuradas meninas.

VIII

«Era pelo cair da tarde. Debaixo das cerejeiras que havia na frente da casa de Martinho, estavam este, Joaquina e Antonio, ordenhando uma duzia de cabras, que tinham acudido á voz de outros tantos cabritinhos, que as chamavam assomando a cabeça pelas grades do redil.

«Era Martinho quem ordenhava as cabras; Joaquina sujeitava-as por um lado, e o pequeno Antonio pelo outro.

—«Quero mamar na cabra pintada! — dizia o pequeno, que estava já mui crescido e robusto.

—«Se não estás quieto, entorna-se a bilha do leite, e tu a pagarás, dizia Joaquina esforçando-se antes por conter os empuxões do menino que os da cabra.

—«Quero mamar... quero! — repetia o pequeno.

—«Pois vae, vae... e não rebentes! — disse Joaquina, deixando por fim o menino Antonio para elle satisfazer o appetite.

«O pequeno dirigiu-se, saltando, para uma cabra malhada de preto e branco que saía ao seu encontro bramindo carinhosamente, como se já sentisse a consolação que ia experimentar quando os suaves e rosados labios do menino lhe descarregassem o ubre.

«No entretanto os cabritinhos agitavam-se no redil, como se percebessem que lhe cerceavam a ração.

«O cão contemplava o trabalho dos donos, magestosamente sentado a pequena distancia, e olho álerta para fazer voltar ao sitio, segundo o costume, as cabras que se desgarrassem. E a *Carocha* andava tambem por alli como se quizesse ter quinhão.

«A cabra pintada, que não tinha cria porque as aguias lh'a haviam arrebatado, deixava-se mamar com paciencia sem limites.

«Pareceria a qualquer que não tinha graça um menino já crescido mamando em uma cabra; mas a Joaquina parecia-lhe o contrario, e é porque as mães acham tudo engraçado nos filhos.

—«Não vês, Martinho? — dizia Joaquina inchada de satisfação, não vês com que graça chupa o filho que Deus me deu? É o mais galantinho de quantos hei visto! Vou dar-lhe beijos sem conto!

«Joaquina ia a desafogar o maternal enthusiasmo no filho, embora Antonio preferisse aos beijos da mãe o leite da cabra, quando appareceu Romana, a visinha que promettêra ás meninas interceder por ellas.

—«Boas tardes, visinhos. Então preparam a ceia, não é assim?

—«Boas tardes, Romana. Estamos preparando uma bilha de leite para a ceia.

—«Dê-lhe um sorvo, disse Martinho erguendo-se e offerecendo a bilha á visinha.

—«Agradecida. Proval-o-hei.

«E Romana acompanhou o dito com o feito.

—«Está bom? — perguntou-lhe Joaquina.

—«Optimo, respondeu Romana limpando os labios com o avental.

—«E por onde anda a familia miuda? — perguntou em seguida.

—«Ahi tem Antoninho enchendo o corpo de leite. As raparigas foram a Valmaseda vender umas duzias de peras, a fim de auxiliar a compra de uns sapatos a esse rapaz, que já rompeu os novos.

«Martinho levou para casa a bilha de leite, recolheu as cabras, e em seguida abriu as portas do redil para que os cabritinhos se juntassem com as mães e comessem a parte da ração que lhes haviam deixado.

«Durante esta operação, Joaquina, Romana e Antoninho, tinham ficado debaixo das cerejeiras, as primeiras em animada conversação, e o ultimo saltando e brincando.

—«Vamos, porém, a outra coisa, disse Romana; fallemos a respeito de tuas enteadas agora que Martinho não está presente, pois não gosto de causar desavenças entre casados. Parece-te, Joaquina, que é bom o teu procedimento para com essas meninas?

—«Pois eu procedo mal para com ellas?

—«E ainda tens boca para fallar assim! Nenhuma boa mulher se prevalece de que umas infelizes meninas não tenham mãe para as tratar como joguetes e determinar-lhes coisas impossiveis, como fazes com as tuas enteadas.

—«Falta-lhes algumas coisa? Trato-as como se fossem minhas filhas, apesar de devêl-as aborrecer de morte.

—«Por que havias de aborrecêl-as?

—«Porque por causa d'ellas o meu filho não tem pae.

—«Dizes que não tem pae?

—«Faço conta que não, porque, por causa das filhas, Martinho não estima Antonio.

—«Se fosses verdadeira mãe para as tuas enteadas, não succederia isso.

—«E acaso não o sou?

—«Julgas que, se vivesse a que está no ceo, teriam ido hoje por essa estrada chorando lagrimas de sangue, voltariam para casa tremendo, porque sabem que as espera um castigo barbaro?

—«E applicar-lh'o-hei sem remedio, se não fizerem o que lhes mandei.

—«Tu não tens a culpa, quem a tem é seu pae. Se a pobre Domingas levantasse a cabeça...

«Romana interrompeu-se vendo chegar Martinho, e a conversação mudou de assumpto; porém Martinho tornou a entrar em casa para continuar em arranjos n'ella.

«Chegou pouco depois o pequeno Antonio, e, puxando pelos vestidos á mãe, começou dizendo:

—«Mamã, quando ceiâmos... Hein? hein?... queria ceiar!

—«Pois ainda tens vontade de ceiar?

—«Tenho, sim. O leite da cabra pintada não me satisfez.

«Este dito do pequeno fez proromper em ruidosas gargalhadas Joaquina, que exclamou beijando soffregamente o filho:

—«Ai, que anjo do ceo! Vês, Romana, que joia tenho aqui!

—«Deus o abençôe, disse a visinha accentuando as palavras, e lhe conserve a mãe, porque se tu lhe faltasses, que seria d'elle!

—«Morreria este anginho se lhe faltasse a mãe! — acudiu Joaquina saltando-lhe as lagrimas de affecto intimo.

—«Não morreria, por certo, replicou a visinha, sempre com intenção reservada; não morreria, porque bem vês que as tuas enteadas tambem não morreram; porém mais lhes valeria morrer do que ter por mãe mulher que não as gerou.

«As rosadas faces de Joaquina pozeram-se de subito cadavericas. Uma idéa horrivel e despedaçadora assaltára por primeira vez a imaginação d'aquella mãe idólatra de seu filho: a de que seu filho poderia chegar a ter madrasta, e padecer o que sua mãe fizera padecer.

«A visinha Romana, que era mulher de annos e experiencia, adivinhou o que se passava no intimo de Joaquina, e tratou de fazer um supremo esforço para encontrar mãe para as infelizes meninas, que tanto haviam chorado por não têl-a.

—«Joaquina, accrescentou com accentuação solemne, Deus castiga sem pau nem pedra, e ás vezes padecem justos por peccadores. Morrem as mães e casam-se os viuvos para darem madrastas aos filhos, visto que não podem dar-lhes mãe.

—«Madrasta!... Filho das minhas entranhas! — murmurou Joaquina, apertando contra o coração o filho, como se alguem pretendesse arrebatar-lh'o.

«Appareceram n'aquelle momento, pela estrada que desembocava junto á casa, as tres meninas que regressavam de Valmaseda.

«Voltavam as meninas mui alegres.

«Joaquina dirigiu-se ao seu encontro chamando-as affectuosamente, e, talvez por primeira vez na vida, teve o impulso de estreital-as nos braços e devoral-as com os beijos.

«As meninas, logo ao chegar, apressaram-se em referir o modo pouco menos que prodigioso com que tinham cumprido as ordens de sua madrasta.

—«Joaquina, exclamou Romana, não vês n'isso a mão de Deus?!

—«Vejo, vejo! respondeu Joaquina. Abre-me Deus, em fim, os olhos, e esclarece-me o entendimento, embora seja tarde!

— Para o bem nunca é tarde! — disse Romana com accentuação semi-prophetica.

«E Joaquina, não podendo já resistir ao nobre sentimento que viera purificar-lhe o coração, abriu os braços ás meninas, e, prodigalisando-lhes o nome de filhas, que nunca lhes dera, apertou-as n'elles com verdadeira effusão e encheu-as de beijos, inundando-lhes os rostos de amorosas lagrimas.

«N'aquelle momento, a pobre Domingas, que velava no ceo por suas filhas, tambem não deixaria de derramar lagrimas de santa alegria.

«Martinho! Martinho! — gritou Romana chorando ao mesmo tempo de sincero jubilo.

— Que novidade ha, Romana? — perguntou o honrado lavrador assomando á porta.

—«A melhor que se póde propalar no seio das familias, respondeu a visinha, é que tuas filhas tem outra vez mãe.

—«Que Deus e a santa mulher que está no ceo a abençôem! — exclamou Martinho com enternecimento.

«E correndo para Antoninho, que brincava debaixo das cerejeiras, tomou-o nos braços e prodigalisou-lhe as ardentes caricias que sua segunda mulher prodigalisava ás meninas.

«Joaquina dirigiu-se então a Romana, e, como as sombras da noite, que iam crescendo, não lhe permittissem ver o que se passava debaixo das cerejeiras, interrogou com anciedade a experiente anciã, que lhe respondeu:

—«Tambem teu filho já tem pae!»